

A última crise do petróleo no Brasil

“Angola e Brasil estão entre os países onde mais se descobriu petróleo nesta década.” Por *Adriano Pires*

A atual turbulência vivida no mercado internacional do petróleo, refletida nos elevados preços de commodities, vem produzindo, ao contrário de crises anteriores, alguns efeitos benéficos para o Brasil. Nesse sentido, poderíamos até afirmar que esta seja a última crise do petróleo para a economia brasileira.

Essa afirmação está baseada em alguns argumentos que desenvolveremos neste artigo. O Brasil hoje já produz cerca de 70% do petróleo consumido internamente. Não podemos esquecer que, à época do primeiro e segundo choques do petróleo, nossa situação era inversa, ou seja, importávamos cerca de 70% do petróleo necessário ao funcionamento da economia brasileira. A inversão da relação importação/produção interna, somada aos recentes aumentos do petróleo no mercado internacional, fez com que surgissem três grandes beneficiários.

O primeiro é a Petrobras que vai passar de um lucro de R\$ 1,7 bilhão em 1999 para um lucro ainda projetado de R\$ 10 bilhões em 2000. Esse aumento fantástico nos lucros é explicado, basicamente, pelo aumento da produção nacional e pelo fato de a Petrobras ter a sua remuneração na refinaria atrelada aos preços internacionais. Para se ter uma idéia, o preço do barril de petróleo na estrutura de custos das refinarias da Petrobras é de cerca de US\$ 10/barril. Esse preço é calculado pelo mix do petróleo nacional e o importado.

O segundo grande beneficiário são os Estados e municípios produtores de petróleo e gás natural, além da União, que também fica com uma parcela da renda gerada pela indústria do petróleo e gás natural. Em 1999, a arrecadação total dos royalties foi de R\$ 842 milhões. De janeiro a agosto de 2000, chegou a R\$ 1,3 bilhão de royalties e R\$ 711 milhões referentes à participação especial paga pelos campos de alta produtividade.

O terceiro beneficiário foi a ANP, que realizou duas licitações de campos de petróleo e gás natural com total sucesso e já anunciou a terceira rodada de licitação. Nas duas licitações de áreas, a ANP ofereceu mais de 40 blocos

exploratórios e arrecadou em bônus de assinatura quase R\$ 790 milhões nos dois leilões. Com a abertura, empresas como Exxon Mobil, Shell, Texaco, Chevron, BPAmoco, YPF Repsol, além de empresas de menor porte nacionais e estrangeiras, começaram a procurar petróleo e gás natural no Brasil.

Junto com esses benefícios, talvez o fato mais importante, que de certa forma foi consolidado pela atual turbulência dos preços, seja o vislumbamento da posição estratégica que o Brasil poderá vir a ocupar no mercado internacional do petróleo.

A década de 1990 apresentou uma característica principal de queda acentuada nos investimentos em exploração de petróleo no mundo. Apesar disso, puderam ser observadas duas ten-

Quem sabe agora o Brasil volte a ter posição de liderança no Atlântico Sul, desta vez, através do petróleo

dências de extrema importância para que possamos entender um pouco melhor o futuro do mercado do petróleo. A primeira é que a taxa global de descobrimento de petróleo foi mantida, mesmo com a queda dos investimentos em exploração. Isso pode ser explicado pelo aumento de eficiência na exploração obtida através de novas tecnologias.

A segunda tendência foi a concentração durante os anos 90 das descobertas de petróleo em poucos países. Dos 95 países que encontraram petróleo na última década, somente dez países concentraram 50% das novas descobertas. O interessante é que essas novas descobertas foram basicamente feitas em quatro países: Irã, Arábia Saudita, Angola e Brasil. A novidade é a presença de Angola e do Brasil entre os quatro países onde mais se descobriu petróleo na década de 1990.

Contudo, em nível mundial continuamos a encontrar menos petróleo do que produzimos. Entre 1990 e 1994, 62% do petróleo produzido no mundo foi repostado por novos campos. Porém, a taxa de reposição do petróleo caiu para 53% na segunda metade da dé-

cada de 1990. Se ainda observarmos a taxa de reposição dos dez países maiores produtores não pertencentes ao cartel da Opep, verificaremos que a taxa de reposição foi de 68%, ou seja, acima da média mundial.

O importante a destacar é que somente Angola e Brasil tiveram taxas de reposição acima de 68%. Enquanto, para o período 1995-1999, as taxas de reposição do petróleo foram de 338% e 583% para Brasil e Angola respectivamente, tradicionais produtores de petróleo como México (18%), Inglaterra (21%), Noruega (39%), Omã (29%) tiveram suas taxas de reposição bem abaixo da média (68%). Se verificarmos as taxas de reposição para toda a década (1990-1999), a ordem de grandeza dos números se repetem: Brasil (195%), Angola (397%), México (38%), Inglaterra (40%), Noruega (47%) e Omã (29%).

Todo esse cenário apresentado mostra de maneira inequívoca a importância que o petróleo passará a ter nos próximos anos para o Brasil. Nesse sentido, além de provavelmente atingirmos a autossuficiência por volta de 2005 poderemos até nos tornar exportadores de petróleo e, quem sabe, os grandes líderes do comércio do petróleo no Atlântico Sul. O fato de Angola ser também uma grande província de petróleo, nos sugere que nossas autoridades governamentais, em particular, o Itamaraty, estejam atentos para essa nova geopolítica do petróleo e, conseqüentemente, a inserção do Brasil. Não podemos esquecer nossas ligações históricas com Angola, a começar pela colonização comum portuguesa e que, portanto, falamos a mesma língua.

Entre os séculos XV e XVII, o Brasil dominou o comércio no Atlântico Sul, através do tráfico de escravos, página negra da nossa história. Quem sabe agora o Brasil volte a ter posição de liderança no Atlântico Sul, desta vez através do petróleo, trazendo mais benefícios para o nosso país e para Angola, ajudando inclusive a resolver o estado de guerra permanente que se encontra a anos o país irmão.